

RESISTÊNCIAS E DESAFIOS DA TRADUÇÃO COMO PROJETO DECOLONIAL NA RELAÇÃO ENTRE LÍNGUAS INDÍGENAS E HEGEMÔNICAS

Temos a satisfação de apresentar mais uma edição da *Revista Transversal* que aborda relações e processos de tradução entre línguas indígenas e minoritárias e línguas do colonizador e majoritárias, seus impasses, e algumas possibilidades descolonizadoras.

O artigo de Sara Lélis de Oliveira “Traduzindo a música dos cantares mexicanos” traz uma proposta artística e de transcrição inédita de tradução ao português brasileiro da música de um canto de *Os Cantares Mexicanos*. Este trabalho vem acompanhado de uma proposta de recriação musical artística e, portanto, parte de um processo de tradução que recupera elementos das letras traduzidas do náuatle ao espanhol, e posteriormente ao português, sem o acompanhamento musical de outrora, num movimento que ecoa aquilo que estas letras já não expressam em língua indígena. O artigo analisa de que modo estes cantares do século XVI, conservados no Fundo Reservado da Biblioteca Nacional do México, constituíram um importante legado hispano-colonial de um processo de tradução levado adiante pelos missionários espanhóis, cujo projeto catequético conforma este acervo de canções, algumas escritas em náuatle clássico e outras criadas para servir como ferramenta de doutrinação religiosa. Este processo tradutório gera uma série de adulterações da língua nativa e de sua cultura e cosmovisão, o que fica evidenciado com a perda de elementos na transliteração dos cantares à língua latina, devido à ideologia de extirpação de idolatrias e à imposição da fé cristã. Entretanto, o corpus apresenta ao lado de perdas na tradução da língua do colonizado ao colonizador, elementos reiterativos da língua náuatle, que resistem ao apagamento e à destituição da língua e cultura indígenas, por exemplo presente no léxico relativo aos instrumentos *huehuetl* e *teponaztli* e nas onomatopeias “ti”, “qui”, “to”, “co”, “tin”, “ton” e “con”, as quais tinham o objetivo de atrair os nativos ao ritual eclesiástico imposto. A leitora e o leitor são convidados a conferir a criação musical a partir de tradução ao português do canto náuatle!

O artigo de Mario Ramão Villalva Filho “Traducción al guaraní: reflexiones sobre la naturaleza a partir del ñande reko” recupera a possibilidade de tradução entre línguas com culturas e cosmovisões distintas como é o caso das línguas na América e do processo de produção de sentidos por meio da possibilidade de traduzir ou não que foi herdada desde uma perspectiva colonial. O autor explora o vocábulo “meio ambiente” que não

existe em guarani e revela como o termo “natureza” possui uma relação com a cultura e cosmovisão que a língua guarani revela por meio de uma experiência próxima ao Bem Viver. A tradução descolonizadora proposta pelo autor revela os conflitos territoriais passados e atuais na região e os impasses da tradução de uma língua indígena em relação ao português ou espanhol como línguas que ainda veiculam relações de dominação ideológica e capitalista. É por meio das possibilidades de tradução do *ñande reko*, que o autor vai desafiando os sentidos da “palavra-alma” do povo guarani, passando por autores indígenas renomados até a experiência com os líderes espirituais indígenas da região do Oeste do Paraná, e chegando ao livro sagrado de recopilação dos mitos dos Mbyá-guarani -*Ayvu Rapyta*. Fazemos um novo convite à leitora e ao leitor para deslizar pelos sentidos perdidos de uma das culturas indígenas mais representativas da América do Sul.

O artigo de Ligia Karina Andrade “Direito linguístico e (re)existências o ensino superior: o caso de descolonização da linguagem na Unila” traz uma análise sobre o desafio que consiste o ingresso de comunidades indígenas e de refugiados e portadores de visto humanitário no ensino superior. A partir de uma análise discursiva e qualitativa, a autora avalia a relação destas línguas minorizadas que se somam ao contexto universitário a partir da diversidade linguística e cultural, o que exige a criação de políticas linguísticas e uma reviravolta epistêmica para que se possa dialogar com estes saberes diversos. A partir de um mapeamento de várias questões relacionadas à língua (oralidade, escrita, letramento, adaptação etc.), a análise aponta as mudanças discursivas e atitudinais nas relações de poder e saber no espaço da academia, revelando a possibilidade de resistência de identidades e subjetividades frente ao saber instituído e frente às línguas do bilinguismo oficial da universidade (português e espanhol) e que, em alguns casos, ainda coincide com as línguas majoritárias dos Estados-nação dos países latino-americanos. Uma destas iniciativas de redimensionamento epistêmico, educacional e linguístico foi a criação de cursos de intérprete comunitário com a adesão de integrantes destas comunidades. Fica a importância de se refletir sobre uma revisão da necessidade e dos desafios impostos pela tarefa de levar adiante uma perspectiva de descolonização da linguagem em âmbito acadêmico.

Boa leitura!

Ligia Karina Andrade e Mário Ramão Villalva